



A RELAÇÃO PROFESSORA/CRIANÇA ENQUANTO DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Ronilda Rodrigues da Silva Oliveira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil
Endereço eletrônico: ronilda_oliveira@hotmail.com

O presente texto, recorte de pesquisa de mestrado realizada em uma instituição municipal de Educação Infantil na cidade de Vitória da Conquista-Bahia, faz parte de um dos temas que surgiu enquanto categoria de discussão, no qual foram elencados os dizeres e/ou expressões das crianças sobre as propostas pedagógicas das professoras¹, neste caso, especificamente sobre a relação professora/criança.

A relação das crianças com as professoras é marcada, muitas vezes por desafios. Talvez seja porque as professoras não entendam os “jeitos de ser criança” (MARTINS FILHO, 2011, p. 81), por terem uma visão equivocada de infância (ARIÈS, 2014), por não compreenderem a criança como ser capaz de produzir sua própria cultura (CORSARO, 2011), ou por ainda não visualizarem na criança um informante em potencial capaz “[...] de discriminar aspectos relevantes para seu processo de desenvolvimento” (SODRÉ, 2005, p. 89).

Essa deficiência na compreensão do sentimento de infância bem como do que é ser criança dificulta o relacionamento professora/criança uma vez que a atitude do adulto diante dos fatos está sempre voltada para a sua necessidade emergente, ou seja, manter o controle das situações em seu entorno.

Assim, com objetivo de analisar como as crianças viam a prática pedagógica das professoras, realizei uma pesquisa qualitativa com base na abordagem sócio-histórica de Vigotski (2007). As estratégias metodológicas foram observação e interlocução com as crianças mediadas por desenho.

Para tratar especificamente da relação professora/criança no cotidiano da instituição, retomei algumas perguntas que foram deflagradas para as crianças a partir dos

¹ No município a maioria dos profissionais que trabalham na educação infantil são do sexo feminino.



desenhos que fizeram das professoras: Por que escolheu desenhar sua professora? Como é sua professora? O que sua professora faz aqui na creche?

Como podemos observar no Quadro 1, os dizeres e expressões das crianças a respeito dessas perguntas foram variados e indicativos. Assim, com o intuito de analisar essas expressões faço uso das palavras de Vigotski (2000, p. 130), quando afirma que: “para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação”.

Quadro 1

Organização dos dizeres e expressões das crianças: relação professora-criança

CRIANÇAS	DIZERES E EXPRESSÕES
BIA	Tem dia que eu brinco na sala com P eeee... Depois tia xinga eu e ele.
DUDA	Eu não, só lembro que ela briga com meninos atentados. Ela... ela grita e tem vezes que ela bota eles pra ficar sentados e calados, e eles são bem barulhentos. Ela não gosta que bate em gente, sempre manda pedir desculpas. Eu vou pro assento, fico quietinha e depois na hora da tarefa eu faço e aí pronto.
ERIKE	Aí se não ir no banheiro na hora do recreio quando chegar na sala não pode ir no banheiro. Só depois quando for ir pra casa.
GABRIEL	Porque ela, ela é boa. Porque ela nunca brigou comigo. ela num faz nada com ninguém só com L que ela xinga.
IURI	Fazendo (conversando) com as outras professoras na hora do recreio.
ISABELLE	A gente vai no banheiro, bebe água e senta.
LUANA	Eu escolhi desenhar o sol, a nuvem... O cachorro, a flor e a tia.
PABLO	Ééé a cala dela é um pouco preta. Acho cala um pouquinho grande eee boca grande. ”A tia fala, a ficar quieto”. Manda todo mundo acabar a... a botar a cabeça para mesa. Pra esperar a mãe.

Fonte: pesquisa de campo 2015.

Uma vez que as interlocuções aconteceram individualmente com oito crianças de cinco turmas, de três professoras, em dias diferentes, precisamos compreender, na perspectiva vigotskiana, quais situações das práticas pedagógicas dessas professoras levaram as crianças a tecer os comentários relacionados no Quadro 1.

Nas primeiras observações das práticas pedagógicas das professoras, percebi uma relação professora/criança centrada na autoridade do adulto. Dessa forma, as expressões imperativas, tais como: “a tia xinga”, “a tia briga”, “ela grita”, “manda baixar a cabeça”, “a tia fala a ficar quieto”, “Manda todo mundo acabar, a botar a cabeça para mesa”; estavam presentes nos dizeres das crianças, denotando a distância que a professora



estabelece para aquelas. Na interlocução com Duda, constatamos algumas dessas expressões:

Pesquisadora: Você se lembra que coisas a professora faz?

Duda: Eu não, só lembro que ela briga com meninos atentados.

Pesquisadora: Briga com meninos atentados?

Duda: Humhum (afirmação)

Pesquisadora: Hum...

Duda: Com J.

Pesquisadora: Eles atentam? Muito? Como?

Duda: Humhum. (faz gestos das crianças brigando)

Pesquisadora: Hum... Tá, entendi... E quando os meninos brigam, ela faz o quê?

Duda: Ela... ela grita e tem vezes que ela bota eles pra ficar sentados e calados, e eles são bem barulhentos.

Ao responder à pergunta sobre o que a professora faz na creche, Duda só relata que a professora briga com meninos atentados. A julgar pela rapidez da resposta da criança e do fato de ela não indicar mais nada, a não ser que a professora briga com meninos atentados, é possível presumir que se trata de um acontecimento bastante frequente ou marcante na perspectiva dessa criança.

É possível observar nesta interlocução que a professora de Duda parece demonstrar certo descontrole com algumas crianças, especialmente as que não se limitam a atender às indicações ou a fazer as atividades como a professora determina. Com estas justificativas, a relação professora/criança parece configurada por uma autoridade exacerbada, que favorece a distância adulto/criança e um processo educacional voltado para a heteronomia, tal como Freire (2002) discute.

Essa situação parece tão evidente que Gabriel em seus dizeres a respeito da pergunta – Por que a professora é boa, responde: “Porque ela nunca brigou comigo.” Dessa forma, a professora que poderia receber o status de boa por tantos outros motivos (atividades prazerosas, atenção, cuidados) é considerada boa pelo que ela não faz (brigar com as crianças). Podemos concluir então que para a criança, o “não brigar com ela” passa a ser o fator determinante para a análise do processo de interação dela com a professora.

Não foi possível mensurar o quanto o brigar é frequente nos discursos das professoras de educação infantil desta instituição, haja vista que na minha presença não há registros. Mas destaco que quatro crianças (metade) relataram que as professoras



brigam, xingam ou as submetem às suas determinações. Por via de consequência, essas ações comprometem a qualidade das relações e das práticas pedagógicas das professoras, portanto, acreditamos que é um fato que precisa ser investigado, dando margem a novos estudos.

Outro fator marcante sobre as escolhas das crianças presentes nos desenhos foi representado por Luana. A escolha de Luana pelo desenho da sua atual professora, logo na primeira etapa, foi justificada de forma bastante incisiva (Eu escolhi desenhar o sol, a nuvem... O cachorro, a flor e a tia.). Apesar da imagem da professora no desenho estar retratada de forma integrada aos outros objetos, na explicação de Luana a professora apareceu como última indicação. Diante desta constatação, podemos inferir que os outros elementos parecem despertar mais o interesse de Luana para o desenho do que a figura da professora.

O tempo do recreio também foi um fator que denotou a presença da autoridade da professora, uma vez que as ameaças, muitas vezes cumpridas, de retirada do recreio eram frequentes. Apesar de um pátio pequeno e inadequado, é nele que as crianças vivem os momentos de interações e trocas. As culturas de pares discutidas por Corsaro (2011) são vivenciadas nesses intervalos. Convivi com situações peculiares das crianças, pois no recreio tudo é utilizado e reaproveitado: os colchonetes esquecidos no pátio viram camas, bases para dar cambalhotas e tapetes voadores, as cadeiras viram trenzinhos e até as folhas que caem das árvores transformam-se em aviões e pássaros nas mãos das crianças.

As brincadeiras de faz de conta para Vigotski (2007) desempenham papel fundamental no desenvolvimento das crianças, pois funcionam como um mecanismo que possibilita as descobertas e a aprendizagem sobre as pessoas que as cercam e sobre o mundo. Ao criar essas brincadeiras, as crianças reproduzem cenas do seu cotidiano combinando ações reais com a fantasia, para assim entender o mundo do adulto.

Dessa forma, retirar das crianças os momentos nos quais elas conseguem vivenciar essas descobertas e criar suas estratégias de compreensão do mundo é uma ação que precisa ser revista e repensada pela professora, pois a relação professora/criança não pode ser construída nos mesmos moldes das escolas tradicionais, nas quais: “o professor determina e os alunos obedecem” (DIAS e VASCONCELLOS, 1999, p. 13). Os professores precisam compreender as especificidades do trabalho com as crianças,



percebendo, sobretudo, que elas são sujeitos ativos de direitos e viver a infância de forma efetiva faz parte da garantia desses direitos.

Assim, observei que a distância professora/criança pode ser explicada a partir da forma como as professoras conduzem seus trabalhos na instituição, pois durante as observações das práticas pedagógicas, verifiquei que as professoras apresentam uma visão homogeneizante das crianças. Essa visão está refletida em suas atitudes, desde as ações de cuidado, quando levam todas as crianças ao banheiro ao mesmo tempo, do educar, quando querem que as crianças aprendam os saberes da mesma forma e até do brincar, quando distribuem os brinquedos sem possibilitar as escolhas por parte das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Criança; Professora; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Trad. Lia Gabriele Regius Reis; revisão técnica: Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIAS, Adelaide Alves e VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. Concepções de autonomia dos educadores infantis. **Temas em psicologia**, v. 7, nº 1, p. 9-21, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MARTINS FILHO, Altino José e PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SODRÉ, L. G. P. As indicações das crianças sobre uma edificação adaptada para a Educação Infantil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ, ano 5, nº 1, 1º semestre de 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.